



No caminho da sociologia com a Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva

Fábio Kazuo Ocada¹

Resumo: Este artigo trata da formação em Ciências Sociais e Sociologia recebida ao longo de mais de uma década de estudo na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara, sob orientação da Professora e Socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva. Nesse período, foi possível auxiliá-la parcialmente nas suas atividades de pesquisa no âmbito da sociologia rural, suscitando um conjunto de reflexões que dizem respeito à teoria sociológica, à metodologia de pesquisa, à formação e postura ética do pesquisador em campo e ao ofício da Sociologia.

Palavras-Chave: sociologia. educação. trabalho. migração. memória.

On the path to sociology with Professor Maria Aparecida de Moraes Silva

Abstract: *This paper discusses the training in Social Sciences and Sociology received over more than a decade of study at the College of Sciences and Letters of São Paulo State University (UNESP) - Campus Araraquara, under the guidance of Professor and Sociologist Maria Aparecida de Moraes Silva, a period during which he was possible to assist her in part of her research activities within the scope of rural sociology, raising a set of reflections that concern sociological theory, research methodology, the training and ethical stance of the researcher in the field of research and the profession of Sociology.*

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Marília – Brasil – f.ocada@unesp.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8172-9068>.

Keywords: sociology. education. work. migration. memory.

En camino a la sociología com la Professora Maria Aparecida de Moraes Silva

Resumen: Este artículo aborda la formación en Ciencias Sociales y Sociología recibida a lo largo de más de una década de estudio en la Facultad de Ciencias y Letras de Araraquara (FCL), perteneciente a la Universidad Estatal Paulista (UNESP), bajo la dirección de la profesora y socióloga María Aparecida de Moraes Silva, período durante el cual fue posible acompañarla en parte de sus actividades de investigación en el ámbito de la sociología rural, planteando un conjunto de reflexiones que atañen a la teoría sociológica, la metodología de la investigación, la formación y postura ética del investigador en el campo y la profesión de la Sociología.

Palabras clave: sociologia. educación. trabajo. migración. memoria.

Introdução

Por ocasião dos preparativos para a comemoração do octogésimo aniversário de minha ex-orientadora, a Socióloga e Professora Maria Aparecida de Moraes Silva, recebi dos editores da Revista Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos o honroso convite para redigir um artigo a respeito da minha formação em sociologia. Ela se deu ao longo de mais de uma década de estudo de graduação em Ciências Sociais e pós-graduação em Sociologia, sob a orientação da Profa. Moraes, como era conhecida e costumava ser chamada pelos estudantes da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, no *campus* de Araraquara.

Essa formação foi responsável por me introduzir no caminho da pesquisa em Sociologia e, posteriormente, tornou possível meu doutoramento, bem como minha aprovação no concurso público, por meio do qual me tornei docente do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, no *campus* em Marília. Diante desse importante convite, vi-me forçado a tomar algumas medidas no sentido de criar as condições necessárias para uma empreitada envolvendo tamanha responsabilidade.

Em razão das circunstâncias postas pela realidade do trabalho acadêmico na universidade pública e do prazo concedido para a elaboração do texto, foi preciso definir uma estratégia emergencial, construir mentalmente um cronograma.

O primeiro passo consistiu em vencer as inúmeras tarefas ordinárias do cotidiano acadêmico para, em seguida, conseguir assegurar as condições necessárias para me dedicar à redação do artigo.

Todavia, como em todo trabalho de cunho artesanal e intelectual, o processo mental de elaboração do conteúdo a seguir teve início imediato já na realização do convite. Isso porque tratar da formação recebida ao longo desse período suscita reflexões muito ricas do ponto de vista do que poderia ser definido como uma verdadeira experiência educacional e sociológica, proporcionada pelo rico ambiente da universidade pública durante a passagem do Século XX para o atual e por elementos relevantes à própria pesquisa em Sociologia, razão pela qual ela merece ser aqui compartilhada.

Dessa forma, pretendo apresentar ao leitor como se deu meu contato com uma das mais importantes vozes da atualidade no contexto da Sociologia Rural brasileira e internacional, trazendo à tona uma perspectiva dos bastidores do trabalho de pesquisa e da formação em Sociologia. Conto, para isso, com o auxílio da observação participante e com as lembranças dos tempos de estudante, período durante o qual tive a oportunidade de conhecer de perto um fazer da pesquisa sociológica responsável por uma série de ricas contribuições teóricas e metodológicas para o desenvolvimento dessa área do conhecimento.

Os anos 90 e os primeiros passos na busca do conhecimento

Refletir sobre os primeiros passos na formação de sociólogo, na perspectiva da minha trajetória pessoal sob a orientação da Profa. Moraes, ainda nos primeiros anos do curso de graduação em Ciências Sociais, revela o caráter transformador de uma educação pública de qualidade. Ela é capaz de operar uma verdadeira mudança de curso na vida de um estudante, uma vez que, em um primeiro momento, encontrava-me longe de ser considerado um aluno aplicado aos estudos.

A própria Profa. Moraes já se recordou, em certa ocasião, do estudante displicente que, de início, adentrava atrasado às aulas, usando óculos escuros e se sentando na última carteira da última fileira. No transcorrer o semestre, ele começou a se aproximar, conforme aumentava o seu interesse pelo conteúdo de suas aulas de Sociologia, a ponto de passar a chegar pontualmente e se sentar na primeira fileira, ao final do mesmo ano letivo.

Dentre os docentes que ministravam disciplinas da área da sociologia aos estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais na FCL-UNESP do *campus* de Araraquara, ao longo da última década do Século XX, a Profa. Moraes

se destacava como uma das mais admiradas pelos estudantes, em razão de sua seriedade acadêmica e de seu rigor teórico, demonstrados durante as suas aulas, postura também evidente no ensino e cobrança dos seus alunos.

Ela era uma professora excepcional, muito séria, rigorosa em termos teóricos e uma orientadora tão exigente quanto improvável para um estudante displicente e que trazia consigo um histórico de reprovações em seu ano de ingresso no curso de graduação, em razão de sua pouca maturidade para lidar com os temas complexos abordados pelas Ciências Sociais e pela Sociologia em particular.

Tratava-se de uma época em que a vida universitária ainda trazia consigo os anseios correspondentes ao processo de redemocratização da sociedade. As festas estudantis e os eventos culturais concorriam com a disciplina necessária ao estudo, mas, ao mesmo tempo, tornavam mais intensa a vida universitária. O neoliberalismo, embora já em curso, ainda não havia desembocado na atual conjuntura de ameaça fascista às instituições democráticas, com todas as suas consequências nefastas para o conjunto da sociedade.

No âmbito da vida cotidiana, as crises de ansiedade e outros transtornos comportamentais eram ocorrências relativamente raras entre os jovens estudantes, quando comparadas à situação atual. Nesse momento, o meio técnico informacional ainda não havia se instalado como mediador preponderante das relações interpessoais e os contatos entre as pessoas se davam de forma quase que estritamente presencial.

Nas bibliotecas, as buscas pelas obras do acervo se davam por meio de fichários de aço, completamente analógicos, repletos de gavetas contendo fichas de cartolina de cores diversas, cuidadosamente organizadas pelos funcionários da biblioteca em ordem alfabética, muitas das quais com suas abas já deterioradas pelo manuseio dos usuários ao longo do tempo. No interior das contracapas de cada obra do acervo, havia cartões com o registro das assinaturas das pessoas que fizeram a retirada no balcão da biblioteca, permitindo identificar aqueles que já leram os livros anteriormente.

Na grade curricular do curso de Ciências Sociais, as disciplinas centrais do curso eram anuais, permitindo um tempo relativamente maior para o estudo aprofundado da bibliografia recomendada e também a vivência a vida universitária de maneira mais plena do que na atualidade. De um modo geral, o tempo parecia transcorrer de forma menos acelerada do que nos dias atuais. Em um período em que as facilidades do universo virtual da *internet* e das tecnologias informacionais eram ainda quase completamente inexistentes na vida diária, a forma de acesso aos materiais de estudo seguiam caminhos inimagináveis para os padrões atuais.

Diante da insuficiência de livros disponibilizados no acervo da biblioteca da universidade que atendesse à demanda de todos os estudantes de uma mesma turma, antes do início do estudo do conteúdo recomendado propriamente dito, devia-se providenciar as fotocópias, o que demandava empenho, algum recurso financeiro e certa dose de paciência nas chamadas filas do “xerox”. Nesse período das pastas físicas correspondentes às disciplinas ministradas, com materiais impressos selecionados pelos docentes e folhas presas com grampeadores ou cliques de papel, esse era o caminho para se trilhar os primeiros passos na busca do conhecimento.

As aulas de Sociologia da Profa. Moraes

No ano em que me tornei aluno da Profa. Moraes, em meados da década de 1990, o programa concebido para os estudantes de Sociologia do segundo ano de graduação previa o estudo do materialismo dialético e continha um conjunto de leituras fundamentais da obra de Karl Marx. A bibliografia obrigatória da disciplina continha textos geniais e de elevada complexidade, como a *Para a Crítica da Economia Política*, as passagens até então traduzidas para a língua portuguesa do texto *A ideologia alemã* e a análise marxiana do processo revolucionário redigida no calor dos acontecimentos e seus desdobramentos subsequentes em *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*. A disciplina concluía com o estudo da obra máxima, *O capital: para a crítica da economia política*, volume 1, do qual estudávamos o capítulo primeiro – *A mercadoria* – e, por fim, o célebre penúltimo capítulo – *A assim chamada acumulação primitiva* (Marx e Engels, 1993; Marx, 2005; 2011; 2013).

As aulas de Sociologia, na medida em que avançavam na exposição da teoria e do método desenvolvido por Marx, iluminavam questões sociais de grande relevância para o entendimento dos dias atuais, buscando apreender a dinâmica do modo de produção capitalista, por meio de suas contradições internas, revelando a luta de classes como elemento impulsionador das mudanças históricas. A dialética hegeliana colocada com os pés no chão das relações de produção e o exame crítico da economia política permitiam entender a verdade como algo a ser demonstrado na prática, superando explicações fundamentadas em perspectivas idealistas da realidade social.

Com muita perspicácia, a Profa. Moraes trazia exemplos baseados em situações concretas obtidas tanto por meio de suas próprias pesquisas com os trabalhadores migrantes do Vale do Jequitinhonha (MG) – tornados “boias-frias” pela indústria sucro-alcooleira da macro-região de Ribeirão Preto (SP) – quanto

por pesquisas realizadas por outros estudiosos, demonstrando a imprescindibilidade da articulação coerente entre a perspectiva teórica e a dimensão empírica da realidade para o desenvolvimento da análise sociológica.

Sua pesquisa acerca do processo de proletarização dos camponeses mineiros do Vale do Jequitinhonha resultou em sua tese de Livre Docência, defendida na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara e publicada com o título *Errantes do fim do século* (Silva, 1999), contando com um prefácio da Profa. Heleieth Saffioti (1999) e dando origem também a um belíssimo material audiovisual intitulado *As andorinhas, Nem cá, Nem lá*, além de um artigo com o mesmo título, publicado anteriormente nos Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, os Cadernos CERU (Silva, 1998).

Para acompanhar suas aulas, foi preciso intensificar minha dedicação ao estudo, exigindo muitas horas debruçado sobre os livros na biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras. Para um iniciante aprendiz, os textos demandavam enorme esforço de concentração. O estudo mediante a realização de fichamentos das obras exigia horas solitárias de leitura compenetrada, anotações meticulosas, pausas para reflexões e frequentes consultas aos dicionários. Aos poucos, eu colhia ótimos resultados em termos de aprendizado. Conforme o tempo passava, conseguia perceber os aprimoramentos das minhas habilidades de leitura e de interpretação, o enriquecimento do meu vocabulário e o domínio incipiente dos conceitos básicos de Sociologia.

A disciplina de estudo me transformava aos poucos em um estudante aplicado, ávido pelo conhecimento, e o interesse pela Sociologia aumentava conforme o tempo passava. Por influência das aulas de Sociologia ministradas pela Profa. Moraes, comecei a esboçar a investigação que se tornaria meu próprio projeto de pesquisa, o meu objeto de estudo.

A Profa. Moraes acompanhava o desenvolvimento de toda a turma, cobrava a realização dos fichamentos e esbravejava quando se deparava com trabalhos mal realizados. Tratava-se de um enorme estímulo para o desenvolvimento intelectual de toda turma. No semestre seguinte, tivemos a satisfação de reencontrá-la, dessa vez para aprendermos os fundamentos da sociologia de Max Weber.

Com a mesma dedicação e rigor, apresentou parte das obras fundamentais, os conceitos básicos e a metodologia da sociologia weberiana. As leituras trabalhadas em sala de aula se baseavam em trabalhos como *Conceitos Básicos de Sociologia* e a *“objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais*, passando pelo estudo do texto *Os três tipos puros de dominação legítima* e, por fim, debruçando-se sobre *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (Weber, 2004; Weber, 2006a; Weber, 2006b). Esses estudos foram fundamentais para minha

formação em Sociologia. Recordo-me até hoje das exemplificações dos valiosos conceitos de “ação e relação social”, “poder” e “dominação”, além da construção dos tipos ideais, enquanto método de compreensão do sentido da ação social.

O trabalho de orientação e seus primeiros frutos

Atenta à minha mudança de postura em relação aos estudos e ao meu crescente interesse pela matéria, após uma de suas aulas, a Profa. Moraes fez o convite que mudaria para sempre minha trajetória, perguntando-me se eu teria interesse em desenvolver, sob sua orientação, uma pesquisa de Iniciação Científica, ao que respondi prontamente já ter definido a migração de trabalhadores brasileiros para o Japão como meu objeto de estudo, em razão de minha própria condição enquanto neto e filho de migrantes. Iniciava-se uma relação de orientação que duraria mais de uma década e acabaria se tornando uma grande amizade. Planejei iniciar a redação do projeto de pesquisa após uma experiência de três meses de trabalho na condição de migrante temporário, partindo rumo ao Japão ao final do mesmo ano.

O trabalho de campo integrado à linha de produção da empresa Suzuki, na cidade de Kosai, definiu o início de minha pesquisa de campo sob a orientação da Profa. Moraes, um momento inicial impactante. Em meio à cadência infernal do trabalho de montagem manual de automóveis, vinha-me à mente – além de questionamentos existenciais profundos como um efeito imediato do trabalho alienado – problematizações sociológicas que desempenharam posteriormente um papel importante no direcionamento da pesquisa.

Após retornar ao Brasil, fui apresentado, por minha orientadora, a dois conjuntos de estudos que pavimentariam o desenvolvimento do projeto de pesquisa inicial: os estudos do mundo do trabalho e os estudos das migrações, temas intrinsecamente relacionados, apesar da separação temática existente entre os dois conjuntos de estudos. A pesquisa realizada pela Profa. Moraes transitou desde o início entre estes dois eixos temáticos, articulando-os por meio de suas análises acerca da realidade vivenciada concretamente pelos trabalhadores rurais assalariados, em meio aos constantes deslocamentos no espaço impostos pelas relações de produção capitalistas, revelando a indissociabilidade entre o fenômeno migratório e as demandas do universo da produção industrial.

Além desse repertório de estudos, recebi também as primeiras ferramentas metodológicas – a história oral e a observação participante do pesquisador –, que me permitiriam utilizar minhas próprias percepções, além dos depoimentos dos trabalhadores com quem vivenciei a experiência de campo, de modo a

tornar possível submetê-las à análise e articular os dados empíricos à dimensão teórica, com base nos estudos existentes.

Uma vez concebido o projeto inicial e após muitas reescritas, correções e ajustes, a proposta obteve aprovação e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o que permitiu, além de um enorme incentivo ao estudo, dedicação integral ao desenvolvimento da pesquisa, participação em congressos e gastos com materiais técnicos para o desenvolvimento do trabalho.

Ao final de um ano de muita dedicação, a pesquisa de iniciação científica foi exitosa, obtendo pareceres favoráveis e uma premiação durante a realização do *X Congresso de Iniciação Científica da UNESP*, realizado no *campus* de Assis. O encerramento de uma primeira etapa da pesquisa permitiu ampliar a problematização inicial e aprofundar a análise dos dados coletados, preparando terreno para desenvolvimentos posteriores.

A aprovação em primeira colocação no processo seletivo para o curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL UNESP de Araraquara foi um reconhecimento importante por parte dos outros professores que constituíram a banca examinadora do processo seletivo, deixando claro que minha displicência de outrora havia cedido lugar a um crescente interesse pelo trabalho de pesquisa.

Nesse momento, porém, em razão de dificuldades internas à instituição em relação ao tratamento dado aos docentes que entravam em processo de aposentadoria, recebi a notícia de que teria que mudar de orientadora para a realização do mestrado, decisão contra a qual protestei energicamente. Após muitas discussões acaloradas, consegui, por fim, reverter a decisão tomada por parte do então coordenador do Programa de Pós-Graduação, forçando-o a rever sua decisão e autorizar a continuidade da relação de orientação.

O trabalho de orientação da Profa. Moraes, já nesse primeiro momento, foi decisivamente transformador e rendeu frutos muito positivos, abrindo caminho para as etapas posteriores em nível de pós-graduação, sempre contando com a aprovação e o financiamento da FAPESP e o devido reconhecimento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que, posteriormente, chegou a indicar a tese de doutorado resultante desse processo para concorrer ao Grande Prêmio Capes de Teses de Doutorado (Ocada, 2002; 2006).

Observações de um auxiliar de pesquisa em campo

Durante o intervalo entre o encerramento da minha pesquisa de iniciação científica e a solicitação da bolsa de mestrado da FAPESP, como forma de

aprimoramento na pesquisa sociológica e, ao mesmo tempo, de assegurar provisoriamente o meu próprio sustento material, tive a oportunidade de auxiliar a Profa. Moraes em uma pesquisa que desenvolvia sob a coordenação do Prof. José de Souza Martins (2003), envolvendo a experiência dos assentamentos rurais em diferentes regiões do país. Esse foi um dos períodos mais ricos em termos de aprendizado em pesquisa sociológica.

Ele foi responsável pelo desenvolvimento do estudo no interior do estado de São Paulo. A Profa. Moraes definiu como objeto de estudo a população do assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara, região da antiga usina Tamoio. O objetivo da pesquisa era conhecer a experiência de assentamento rural decorrente da luta dos trabalhadores pela terra, na esteira do processo de redemocratização da sociedade, desde a segunda metade da década de 1980.

Nesse período, além de fazer um levantamento das dissertações e teses produzidas no âmbito da sociologia rural por outros pesquisadores que passaram pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL, ainda como parte da fundamentação bibliográfica da pesquisa, tive a oportunidade de conhecer as teses de Walter Benjamin (1994) – *Sobre o conceito da História* –, que marcariam profundamente minha formação em Ciências Sociais.

O trabalho de escovação da história a contrapelo era a chave teórica para a superação da história vista na perspectiva da classe dominante, visando ao entendimento da história enquanto processo dialético concreto, permitindo apreender o sujeito histórico na análise sociológica, enquanto homens e mulheres reais, portadores de valores culturais, e que, ao longo de suas vidas, sob condições objetivas, legadas e transmitidas pelo passado, fazem a história sem saber que o fazem.

Nessa mesma perspectiva, Edward Palmer Thompson (1981; 1987; 1998) também contribuiu enormemente para o entendimento da luta dos trabalhadores no campo, do constante fazer-se da classe trabalhadora, trazendo uma perspectiva reavivada da luta de classes por meio de suas análises, das primeiras leis contra os pobres, do declínio dos costumes, dos motins da fome, da economia moral dos pobres, do tempo associado à disciplina de trabalho e da proposição do conceito de experiência enquanto elemento de articulação entre estrutura conceptual e processo histórico efetivo, elemento ausente até então, segundo o historiador, no arcabouço conceitual do pensamento marxista.

Fundamentado nessas contribuições teóricas, teve início o trabalho de campo no assentamento Bela Vista. Com o auxílio da história oral, foram realizadas dezenas de entrevistas com moradores locais. Percorrendo as ruas da agrovila, visitando as casas dos moradores, os lotes – sempre recebidos com muita

hospitalidade e deliciosos quitutes regionais –, um enorme volume de dados foi coletado em pouco mais de um mês de trabalho. Além das entrevistas gravadas foram realizados registros fotográficos, coletas de dados diversos e uma oficina de trabalho com argila, uma metodologia de pesquisa inovadora, por meio da qual foi possível conhecer os elementos simbólicos presentes no imaginário e na cultura dos moradores assentados.

Outras abordagens metodológicas inovadoras no campo da pesquisa em sociologia, concebidas pela Profa. Moraes por meio dessa experiência, consistiram nas técnicas de desenvolvimento da análise baseada nos desenhos infantis e na reconstrução dos espaços vivenciados pelos depoentes, mediante o auxílio da memória, na formulação dos chamados mapas afetivos. Essas contribuições permitiram se valer da dimensão subjetiva e da memória, enquanto partes constitutivas da realidade social, para a produção de um conhecimento sociológico dotado de objetividade científica (Silva e Melo, 2009).

A pesquisa desenvolvida pela Profa. Moraes demandou a mobilização de muitos esforços coordenados. Nesse momento, o trabalho foi dividido para viabilizar sua execução. Um verdadeiro trabalho de recrutamento foi realizado entre estudantes da Faculdade de Ciências e Letras, que auxiliaram no trabalho de transcrição das entrevistas e na organização da oficina de argila. A experiência acabou por se tornar, assim, um acontecimento e também um trabalho de aprendizado coletivo tanto para os próprios moradores locais quanto para os estudantes que tiveram a oportunidade de participar desta pesquisa.

Desse trabalho de pesquisa, resultaram vários artigos. Dentre eles, destacam-se as publicações *Assentamento Bela Vista, a peleja para ficar na terra* (2003) e *A luta pela terra: experiência e memória* (2004). Elas contêm as análises de parte dos dados coletados, revelando uma história subterrânea dos trabalhadores e trabalhadoras na luta pela terra, na qual a rearticulação da memória dos depoentes tornou possível a reconstrução das experiências vivenciadas como parte da própria história escovada a contrapelo.

Foi particularmente durante esse período de intenso trabalho que pude observar mais claramente a relação de pertencimento entre minha orientadora e a cultura tradicional caipira do interior paulista. Sua familiaridade com os códigos da cultura, as festas, as tradições regionais, a religiosidade, a culinária, além de seu amor pela gente do campo e por todas as pequenas coisas relacionadas ao mundo rural, revelavam uma íntima relação de pertencimento entre sujeito e objeto do conhecimento. Foi certamente por esse entusiasmo contagiante que aprendi enxergar o valor e a beleza da tradição cultural caipira, para além da imagem depreciativa e estereotipada presente nos centros urbanos.

A pesquisa sociológica e a luta dos trabalhadores rurais

Ao longo desses anos acompanhando a Profa. Moraes, aprendi que, no campo, enquanto o grande capital, pela exploração do trabalho assalariado, da monocultura e do latifúndio, produz *commodities* para exportação com vistas à acumulação de capital, a pequena agricultura familiar é quem produz o alimento que abastece os centros urbanos. Além disso, a pequena agricultura familiar não produz apenas alimentos para abastecer os mercados, mas também permite produzir valores de uso que atendam às necessidades pessoais e permitam colocar em prática a engenhosidade humana no aprimoramento dos processos de trabalho. A terra, enquanto valor de uso, confere significado à existência do próprio agricultor e de sua família.

A possibilidade de cultivar parte dos próprios alimentos, manter animais de criação, construir benfeitorias e trocar excedentes permite uma vida com relativa autonomia em relação ao mercado de trabalho, em uma relação de maior proximidade com a natureza, assegurando condições dignas de vida, gerando um sentimento de pertencimento à terra e um sentido de coletividade. O trabalho como categoria ontológica é justamente essa atividade mediadora entre o ser social e a natureza, por meio do qual se transforma a natureza ao redor e, ao fazê-lo, transforma-se a si próprio. Segundo G. Lukács (1978), trata-se de um “*por teleológico*”, do qual a própria consciência humana é um resultado tardio, mas não menos importante, desse processo dialético.

Entretanto, em flagrante contradição com essa dimensão do trabalho, ainda observável na pequena agricultura familiar praticada pelos assentados, a monocultura da cana-de-açúcar nessa região do interior paulista representa, até os dias atuais, o interesse do grande capital, o agronegócio. No assentamento Bela Vista, a lavoura de cana-de-açúcar se avizinhava de forma ameaçadora a muitos lotes do assentamento, chegando a inviabilizar experiências de plantio de alimentos orgânicos entre os assentados em razão da pulverização aérea de defensivos agrícolas e do assédio sobre os assentados, com vistas ao arrendamento de seus lotes de terra para expansão do plantio da cana-de-açúcar. A relação de amor à terra, expressa por muitos assentados entrevistados, é inexistente para o grande capital.

Nos eitos dos canaviais, o trabalho de corte manual se dava sob condições aviltantes e intensa exploração dos trabalhadores. O trabalho assalariado na agroindústria canavieira em nada se assemelhava ao modo de vida campesino almejado pelos assentados. O trabalho industrial nega a humanidade dos trabalhadores a medida em que os reduz à condição de vendedores da própria força

de trabalho, levando-os por meio de um processo otimizado de produção de mais-valia a situações de risco e de esgotamento físico muitas vezes fatais.

Foi dentro desse contexto, por volta do início deste século, que presenciamos a chegada de uma patologia relacionada ao trabalho que, até então, só parecia estar presente na indústria japonesa, desde meados da década de 1980: o *karoshi*, a morte decorrente do acúmulo de fadiga entre trabalhadores. No contexto regional, porém, esse fenômeno ficou conhecido entre os trabalhadores do setor sucro-alcooleiro como “*birola*” (Silva et al., 2006).

Apesar das diferenças existentes entre as realidades do trabalho no Brasil e no Japão, havia semelhanças marcantes na forma de organização vivenciada pelos chamados trabalhadores “boias-frias”, no corte da cana-de-açúcar no interior paulista, em relação à realidade do trabalho enfrentada pelos migrantes brasileiros no Japão, conhecidos como trabalhadores “*dekasegui*”.

As formas de se arregimentar trabalhadores por meio dos agenciadores com suas redes de contatos, as contratações temporárias, as intensas jornadas de trabalho, os mecanismos de controle e cooptação ideológica, a repetição incessante de movimentos, a vigilância constante, são todos elementos universalmente presentes nessa atual fase de desenvolvimento das relações capitalistas de produção. Trata-se de técnicas de otimização do consumo da força de trabalho, que conduzem muitos trabalhadores ao esgotamento de suas energias vitais.

Algumas usinas, seguindo a prescrição dos métodos de gestão da indústria japonesa, chegaram a instituir premiações aos trabalhadores mais produtivos, que podiam variar de premiações simbólicas, como o infame troféu “Podão de Ouro”, valores em dinheiro ou até mesmo motocicletas de 125 cilindradas, sonho de consumo entre muitos jovens trabalhadores. Os dados indicavam, na ocasião, que um trabalhador no eito do canavial cortava em média de dez a quinze toneladas de cana-de-açúcar por jornada de trabalho. Durante o trabalho, eles perdiam muitos sais minerais pela transpiração, sofriam fortes crises de câibras, convulsões e paradas cardiorrespiratórias.

Os casos de óbitos de jovens trabalhadores rurais se avolumaram desde esse período. Audiências públicas chegaram a acontecer em Ribeirão Preto para debater os episódios ocorridos. A Profa. Moraes chegou a ser convidada a expor resultados de seus estudos, que também subsidiaram a atuação do então Procurador do Estado, responsável pela apuração dos casos.

Outro momento marcante na esteira desse processo se deu por ocasião da reinauguração da Casa do Trabalhador Rural, no município de Guariba, em 2004. Nessa ocasião, tive a oportunidade de conhecer, por meio de minha orientadora, alguns trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar e ouvir seus

relatos. Por iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e de um grupo de professores e estudantes da Universidade Federal de São Carlos, antigas imagens gravadas pela extinta TV Manchete foram recuperadas, reeditadas e exibidas aos trabalhadores ali presentes.

As imagens em questão remontavam ao ano de 1984 e mostravam a violenta repressão da tropa de choque da Polícia Militar do estado de São Paulo, ordenada pelo então governador, Franco Montoro, a reprimir a greve realizada pelos trabalhadores no município. A insurgência dos trabalhadores havia ocorrido de forma espontânea, em razão da elevação do número de ruas a serem cortadas por cada trabalhador e dos preços abusivos cobrados tanto pela companhia de abastecimento de águas do Estado de São Paulo, a SABESP, quanto pela mercearia local onde compravam seus mantimentos.

A violência policial contra os grevistas resultou no assassinato de um trabalhador e muitos foram gravemente feridos. Durante o conflito, o prédio da SABESP foi destruído e a mercearia saqueada, indicando uma revolta dirigida contra estabelecimentos específicos, em vez de uma depredação generalizada. Apesar da repressão violenta, a greve freou a tentativa de intensificação do trabalho naquele momento e obteve conquistas para os trabalhadores, inspirando outras reivindicações de trabalhadores em municípios vizinhos.

Porém, duas décadas depois, por ocasião da reinauguração da Casa do Trabalhador Rural de Guariba, a lembrança do conflito havia sido apagada da memória dos trabalhadores locais, que afirmavam, quando muito, possuir apenas uma vaga recordação do ocorrido. A usina, desde então, temerosa em relação à possibilidade de novas insurgências, parou de contratar trabalhadores dos arredores, optando por trazer migrantes sazonais de outros estados, notadamente da região nordeste do país.

A Profa. Moraes, debruçando-se sobre esse debate, acompanhou e analisou o surgimento desse movimento migratório de trabalhadores rurais. Ela visitou algumas das localidades de origem do fluxo migratório e cunhou a noção de trabalhadores migrantes permanentemente temporários, dado o caráter sazonal das safras de cana-de-açúcar, que anualmente demandavam esses trabalhadores durante os períodos da colheita, devolvendo-os às suas respectivas regiões de origem ao término de um período de trabalho. Em meio a um contexto de intenso desgaste e de ampliação da subordinação do trabalho ao capital, esses trabalhadores migrantes tiveram suas vidas cindidas no tempo e no espaço, conformando um itinerário migratório marcado pela ausência no cotidiano e no núcleo familiar (Silva, 2011).

Tal qual um lampejo no instante do perigo, o episódio da greve de Guariba iluminou a luta de classes como movimento real de uma população oprimida, em busca de melhores condições de vida, e o enfrentamento da classe trabalhadora contra a exploração desmedida do capital, no interior do estado mais rico da Federação, na região da chamada “Califórnia brasileira”. Rememorar dentro desse contexto adquire o sentido de resistir politicamente a um processo em curso até os dias atuais, vislumbrando a possibilidade de sua superação.

Elementos para o alargamento do horizonte da análise sociológica

Escovar a história a contrapeço requer alargar o horizonte da análise sociológica de modo a tornar visível a participação das mulheres e dos grupos não-brancos na luta de classes e, portanto, na construção da história. Em termos teóricos, a incorporação das categorias gênero e raça/etnia à análise sociológica, juntamente com a categoria classe social, foi proposta por Heleieth Saffioti (1999), uma das pioneiras dos estudos de gênero. Segundo a autora, as três categorias – classe, gênero e raça/etnia – se encontram na realidade atadas, formando um nó, em que cada uma delas pode ser visualizada, mas não desatadas com a mesma facilidade com que se desfaz um laço.

Assim, a incorporação das categorias gênero e raça/etnia não prescinde da classe social como categoria relevante para a análise, mas se soma, devendo ser consideradas de forma simultânea e não hierarquizada, conforme propôs Joan W. Scott (1990) em seu célebre artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de modo que somente no plano teórico se torna possível dissociá-las analiticamente.

Nessa mesma perspectiva, a Profa. Moraes assimilou a metáfora do nó cunhada por Heleieth Saffioti (1999), empregando-a de modo original no contexto da realidade vivenciada pelos trabalhadores do campo, de modo a ampliar o alcance de suas observações com o auxílio das categorias classe, gênero e raça/etnia empregadas na análise dos dados coletados ao longo de suas incursões a campo e de suas formulações teóricas.

O que o trabalho de campo revelou foi o protagonismo de um sujeito histórico que, na maior parte das vezes, não coincide com a imagem idealizada de um proletariado industrial do tipo masculino e europeu. As mulheres, muitas delas não-brancas, estão presentes nos momentos decisivos de enfrentamento, por vezes na liderança dos movimentos de luta. Elas lidam com desigualdades que vão além da relação de exploração estritamente econômica. Elas enfrentam, também, as determinações de uma sociedade patriarcal, a divisão sexual do

trabalho e os valores machistas, além do racismo, legado pelos séculos de escravidão e colonização europeia. Geralmente, seus nomes, seus protagonismos e suas realizações não constam nos registros da historiografia oficial, tendendo ao apagamento e ao anonimato, salvo raras exceções.

Tais constatações não surgem espontaneamente na consciência dos homens trabalhadores e nem na formação intelectual de um cientista social. Elas devem ser elaboradas teoricamente, desenvolvidas por meio dos estudos e ensinadas às novas gerações como parte de uma educação emancipadora. Embora carente atualmente de um justo reconhecimento, os estudos de gênero, dentro dessa perspectiva crítica, colocam-se como um dos avanços importantes das Ciências Sociais e da Sociologia no Século XX, mantendo-se pertinentes até os dias atuais.

Tais formulações são frutos de uma sucessão de esforços realizados pelas teóricas feministas, linhagem de intelectuais críticas da qual a Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva é uma legítima representante. Nesse sentido, como parte dessa práxis emancipadora, também colaborou com o artigo *De colona a bóia-fria*, para a publicação organizada pela Profa. Mary Del Priori, *História das mulheres no Brasil* (2001), trabalho de reconhecido valor literário, agraciado com um *Prêmio Jabuti* no início deste século.

Formada sob a orientação da Profa. Heleieth Saffioti, no período sombrio da ditadura militar iniciada em 1964, a Profa. Moraes, então graduanda em Ciências Sociais, realizou parte de seus estudos de graduação sob a vigilância de agentes do regime militar, que transitavam entre os estudantes na biblioteca, com o intuito de vigiar e assegurar que fossem lidas apenas as obras consideradas adequadas à perspectiva conservadora.

Em um tempo em que qualquer deslize poderia resultar em aprisionamento, tortura e morte, a jovem estudante Maria Aparecida, contando com a cumplicidade da bibliotecária, optou por desafiar as autoridades, lendo *A ideologia alemã*, de Karl Marx e Friedrich Engels (1993). Ela disfarçava a obra dentro de outros livros, cujos títulos não representassem ameaça ao regime, burlando, assim, a censura imposta pelos militares.

Para uma jovem estudante de origem simples, que de início cogitou se graduar em Letras, o caminho da Sociologia acabou por se mostrar um desvio promissor. Porém, o amor pela literatura nunca deixou de existir, repercutindo em seus escritos, de modo a produzir uma análise sociológica com características literárias.

Trata-se de um fazer ciência no qual o conhecimento se enriquece com a arte, e decorre de uma identificação, tornada consciente, com o objeto investigado,

uma abordagem comprometida com a crítica transformadora que busca racionalmente apreender e analisar as contradições e os antagonismos do mundo real, sem jamais perder de vista a objetividade científica.

Da conexão tornada consciente entre a biografia e a história, floresce a imaginação sociológica, segundo Charles Wright Mills (1965). A sociologia concebida nesses termos não se contenta em apreender a realidade por meio de dados puramente estatísticos, observar a sociedade por uma perspectiva de distanciamento metodológico, ou ainda confinada pelos alambrados da universidade. Daí a necessidade de transpô-los, ir a campo, coletar dados qualitativos, interpelar e dialogar com as pessoas.

Coletar dados para posteriormente analisá-los, em uma perspectiva sociológica, demanda, além do devido rigor teórico-metodológico, muita disposição para o trabalho e sensibilidade humana. Ouvir atentamente, aguardar o momento oportuno para indagar, aprofundar-se nas questões relevantes, respeitar as pausas, interpretar os silêncios, lidar com os sentimentos que afloram durante um depoimento, observar os detalhes circundantes, tomar notas. Trata-se de uma área do conhecimento cujo objeto de estudo são outros seres humanos, vivos, em constante interação. Em razão disso, a formação do sociólogo depende não somente de uma formação teórica adequada, mas do compartilhamento de aspectos do ofício que remetem ao campo da ética na pesquisa.

Fazer o registro gravado depende do consentimento do entrevistado, que, dependendo da situação, deve ser preservado pelo anonimato e pelo silêncio do pesquisador, sobretudo quando seu relato oferece algum risco à integridade. Tudo depende de uma relação de confiança mútua, tacitamente estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Tais cuidados, conforme me ensinou a Profa. Moraes, dizem respeito à conduta ética do pesquisador em campo, elemento que deve ser considerado durante o fazer da pesquisa.

Assim, a técnica de gravador no registro da informação viva, proposta por Maria Izaura Pereira de Queiroz (1983), fundamentada em uma perspectiva benjaminiana da história, mostrou-se capaz de viabilizar o trabalho de escovação da história a contrapelo, trazendo à tona a perspectiva dos próprios trabalhadores e trabalhadoras, com o mérito de restituir a humanidade e o protagonismo do sujeito histórico, humanizando também a própria atividade de pesquisa.

O que os relatos dos entrevistados trouxeram à tona, dentro do contexto da luta de classes, foram as condições materiais de existência por meio de experiências vivenciadas e histórias de vida da classe trabalhadora, perpassadas por valores culturais, determinações de gênero e por clivagens étnico raciais,

intrinsecamente enredadas ao processo histórico de modernização capitalista, constituindo um material valioso para o alargamento do horizonte da análise sociológica.

Uma sociologia crítica imersa no rio da história

Longe de se apresentar como uma coleção de fatos mortos, classificados ou catalogados em algum acervo, a história apreendida pelos relatos orais ganha vivacidade. Nesse caso, o dado empírico enriquece a análise teórica, que, por sua vez, permite transitar entre o particular e o universal, estabelecendo as devidas correlações e informando a teoria, em vez de negá-la.

Não se trata de assumir uma perspectiva empirista da realidade, tampouco de se perder em elucubrações puramente teóricas, mas de articular ambas as dimensões da realidade em um todo coerente, fundindo-as em uma análise dotada de rigor teórico e capaz de reproduzir a realidade concreta como concreto pensado, ou seja, analisar a realidade concreta de modo a tornar possível revelá-la para além de sua aparência fenomênica, visando iluminar a sua essência.

Um aspecto significativo dessa abordagem sociológica, para além de sua formulação estritamente marxiana, consiste em considerar que o próprio pesquisador não está fora do rio da história, conforme afirmou Wilhem Dilthey antecedendo Max Weber (apud Löwy, 2003). Isso significa que a visão de mundo do sociólogo repercute inevitavelmente na forma como a realidade social é problematizada, seja de forma consciente ou inconscientemente.

Tornar conscientes tais determinações, enquanto parte de um cuidado metodológico capaz de assegurar a objetividade do conhecimento sociológico produzido, é uma contribuição do historicismo para a Sociologia e exige um trabalho de reflexão permanente por parte do próprio pesquisador, em sua relação consigo próprio enquanto parte de uma coletividade, com seu objeto de estudo e com o mundo ao seu redor, tornando tudo muito mais interessante. Nesse sentido, a incorporação dessa perspectiva historicista abre caminho para o sociólogo superar a abordagem positivista e trilhar um caminho de autoentendimento enquanto parte da própria realidade social, concomitantemente à elaboração da análise sociológica, em uma reflexão que envolve o sujeito e o objeto do conhecimento.

Tais considerações não surgiram do vazio, mas se mostraram pertinentes sobretudo mediante o trabalho de campo realizado durante o período em que auxiliei a Profa. Moraes. Isso porque tal experiência me possibilitou um contato aprofundado com o outro, com o diferente, o que em minha perspectiva era

representado pela cultura do campo, pelo modo de vida dos trabalhadores rurais e pelos valores da cultura judaico-cristã ocidental.

Assim, foi preciso perceber minha própria origem e trajetória enquanto parte de um grupo para me entender como parte da realidade social, compreender tanto a maneira de agir e pensar do mundo ocidental, suas diferenças e proximidades com a cultura japonesa trazida ao Brasil, bem como a situação paradoxal de, ao mesmo tempo, ser e não ser japonês, ou ainda, ser um *nikkei*-brasileiro proveniente de uma fração da classe trabalhadora que vulgarmente se convencionou chamar de “classe média”.

A incorporação do caráter relacional das categorias empregadas na análise – classe, gênero e raça/etnia – não se restringiu tão somente ao objeto de estudo, mas terminou por abarcar o próprio sujeito cognoscente, o que em termos teórico-metodológicos pode ser entendido como uma forma de transpor a dicotomia que contrapõe sujeito e objeto, mediante o recurso à totalidade e a um trabalho de autorreflexão vinculado à análise sociológica. Trata-se de considerar, por um ponto de vista dialético materialista e historicista, a ideia hegeliana segundo a qual “*o verdadeiro é o todo*” (Hegel, 2011), empregando-a racionalmente para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa sociológica.

A autoanálise realizada pelo pesquisador concomitantemente ao desenvolvimento da sócio-análise foi uma preocupação tratada de maneira profunda pelo sociólogo Abdelmalek Sayad, outro autor fundamental que me foi apresentado por minha orientadora. Em seus escritos sobre a imigração – ou, conforme o subtítulo de sua obra, *Os Paradoxos da Alteridade* –, Sayad (1998) atentou para a convergência epistemológica existente entre as indagações suscitadas pela condição de imigrante e as problematizações levantadas pela Sociologia. Em outras palavras, as inevitáveis situações vivenciadas pelos imigrantes em meio à sociedade de acolhimento, que causam perplexidade e desconcerto, produzem questionamentos profundos, muitos dos quais coincidem com as indagações realizadas pelos sociólogos.

Na perspectiva do imigrante, a reflexão crítica surge como uma ação possível no sentido de buscar respostas a uma determinada condição social da qual não se pode escapar e da qual não se tem total controle, ou entendimento pleno. Trata-se de uma situação perpassada por contradições, que produzem inúmeras indagações e que demandam explicações racionais, enquanto uma questão de sobrevivência psíquica em meio ao desenraizamento provocado pelo fenômeno migratório.

No mesmo sentido, a sociologia torna inteligível contradições que estão longe de possuírem causas naturais. Fenômenos como a migração, a

proletarização, a violência de gênero e a discriminação racial, passam, assim, mediante a análise sociológica, por um processo de desnaturalização, expondo suas raízes sociais. Trata-se de um fato social total, conforme definiu Sayad (1998), e que se revela enquanto elemento constitutivo do processo real, no qual o sujeito histórico deixa de ser simplesmente uma categoria abstrata, em meio ao processo de modernização capitalista. Vistas nessa perspectiva, todas as histórias de vida se enredam, sob condições legadas e transmitidas pelo passado, em um processo histórico em aberto, cujo desdobramento futuro não é possível de se antever.

Considerações finais

Buscando atender da melhor forma possível à solicitação dos editores responsáveis pelo convite realizado para o desenvolvimento deste artigo, rememorei saudosamente os anos de convívio com a Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva, reunindo alguns elementos teóricos e metodológicos constitutivos de sua atividade de pesquisa sociológica e transmitidos aos seus orientandos e orientandas ao longo de sua caminhada. Sem qualquer pretensão de abarcar a totalidade de sua vasta produção intelectual e acadêmica, detive-me apenas àquelas que considere mais relevantes, concebidas em sua maior parte durante os anos em que estive sob sua orientação.

Mesmo depois de quase três décadas desde o primeiro momento em que me tornei aluno da Profa. Moraes, é impossível deixar de refletir também acerca de sua importância no direcionamento das vidas de muitos estudantes e pesquisadores na área da Sociologia, em todas as instituições pelas quais passou ao longo de sua trajetória. A Sociologia ensinada dessa forma não constitui uma profissão como as demais existentes no mercado das profissões liberais.

Formar dessa maneira um pesquisador em Sociologia, em razão de todos os aspectos, teóricos, metodológicos e éticos envolvidos no processo, não se reduz a uma atividade de simples transferência de conteúdos consolidados como ocorre em boa parte das formações profissionais, particularmente entre aquelas instrumentalizadas para o atendimento imediato das demandas do capital.

A realização da pesquisa em Sociologia exige a articulação de um conjunto de conhecimentos complexos, necessários para o desenvolvimento de todas as etapas do seu processo de produção. É preciso ensinar os diferentes momentos, desde sua concepção, por meio da elaboração de um projeto de pesquisa coerentemente estruturado, até sua execução, que envolve a análise dos dados coletados e a exposição dos resultados. Além disso, tal formação demanda também

a internalização de um *ethos* científico, um comprometimento ético com a busca do conhecimento da verdade da coisa.

Esses elementos em conjunto definem uma atividade que ainda conserva as características do trabalho metucioso de um artesão intelectual e que o molda conforme se desenvolve em sua atividade, permitindo um crescente aprimoramento de suas habilidades ao longo de sua trajetória. Trata-se na realidade de um ofício, que resiste teimosamente à moderna divisão do trabalho no âmbito das Ciências Sociais, daí advindo a importância da relação mestre-aprendiz em sua transmissão para as gerações futuras, até na atualidade. Por essa razão, a formação de um sociólogo demanda tempo e dedicação, não apenas por parte do estudante, mas, sobretudo, por parte do orientador, sendo normalmente a parte menos visível de seu trabalho.

Assim, às vésperas da celebração do octogésimo aniversário de minha ex-orientadora e mestra, a Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva, importa deixar registrado para a posteridade que, na qualidade de um dos inúmeros estudantes que teve a satisfação e a honra de ser formado sob seus cuidados, considero que seu valor para o desenvolvimento da Sociologia brasileira, particularmente no âmbito da sociologia rural, é, indiscutivelmente, inestimável. Todavia, também é preciso considerar outro aspecto marcante de seu trabalho, qual seja, a sua dedicação à formação da atual geração de sociólogos comprometidos com a pesquisa em Sociologia, em meio a uma conjuntura na qual as contradições do capitalismo se apresentam plenamente amadurecidas, o que torna a formação para a análise crítica da realidade social uma demanda, mais do que nunca, imprescindível.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. v. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994, pp. 222-232.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco, 2011.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo, Cortez, 2003.
- LUKÁCS, George. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. Temas de Ciências Humanas. v. 4. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1978.
- MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: GIANOTTI, José Arthur (org.). *Os Pensadores: Marx*. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 2005, pp. 25-54.

- MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo, Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo, Boitempo, 2013.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- MARTINS, José de Souza (coord.). *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003, 294p.
- MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965, 246p.
- OCADA, Fabio Kazuo. Nos subterrâneos do modelo japonês – os 3 Ks: Kitanai (sujo), Kiken (perigoso) e Kitsui (pesado). Dissertação de Mestrado, Sociologia, UNESP, 2002.
- OCADA, Fabio Kazuo. A tecelagem da vida com fios partidos: as motivações invisíveis da emigração de kassegi ao Japão em quatro estações. Tese de Doutorado, Sociologia, UNESP, 2006.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre técnica de gravador no registro da informação viva. *CERU*. São Paulo, n. 4, 1983.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Prefácio. In: SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo, UNESP, 1999, pp. 5-9.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração: ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1995, pp. 5-22.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. As Andorinhas, Nem Cá, Nem Lá. *CERU*. São Paulo, v. 9, n. 2, 1998, pp. 29-45.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo, UNESP, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. De colona a bóia-fria. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2001, pp. 554-577.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Assentamento Bela Vista: a peleja para ficar na terra. In: MARTINS, José de Souza (coord.). *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003, 294p.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo, UNESP, 2004.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Vidas transitórias: entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas. *Revista da ANPEGE*. Recife, v. 7, n. 1, 2011, pp. 161-178.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes et al. Do karoshi no Japão à birola no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. *Revista NERA*. São Paulo, v. 8, 2006, pp. 74-108.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e MELO, Beatriz Medeiros de. Desenhos e mapas: uma contribuição aos estudos migratórios. *Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon, v. 20, 2009, pp. 41-52.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: um estudo sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. A "objetividade" do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo, Editora Ática, 2006a.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo, Editora Ática, 2006b.

Recebido em: 11 de abril de 2024

Aprovado em: 26 de abril de 2024

Como citar este artigo:

OCADA, Fábio Kazuo. No caminho da sociologia com a Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.14, p. 1-22, e141312, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/contemp.v14.1312>